

# Gestantes com zika vírus sofrem com falta de informações

*Bruna Gonçalves analisa cobertura midiática e posições a respeito do aborto durante epidemia do zika vírus no Brasil*

**(Jornal da USP, 30/07/2019 - [acesse no site de origem](#))**

A associação entre a manifestação do zika vírus em gestantes e o desenvolvimento de microcefalia nos bebês foi confirmada pelo Ministério da Saúde em 2015, período no qual o Brasil passava por uma grave epidemia da doença. A região Nordeste foi a mais afetada, e o vírus era relacionado a situações de pobreza, falta de saneamento e saúde básica de algumas localidades. Uma pesquisa da USP analisou a cobertura jornalística do caso e concluiu que a mídia deixou muitas lacunas e não cumpriu com seu papel fundamental de levar informação e conhecimento para as pessoas que precisavam, principalmente para mulheres grávidas afetadas pela doença. Foi sobre esse assunto que o Jornal da USP no Ar conversou com Bruna Gonçalves, pesquisadora da Faculdade de Saúde Pública (FSP) da USP e participante do Laboratório de Saúde Mental Coletiva do Departamento de Saúde, Ciclos de Vida e Sociedade (Lamasec).

Bruna realizou um mapeamento de jornais de grande circulação e concluiu que o discurso das mulheres nas reportagens não teve prioridade, além de um esquecimento gradativo do assunto no País. A propagação do medo do zika foi muito maior do que a divulgação de informações sobre contracepção eficaz e diagnóstico da doença durante a época da epidemia, o que contribuiu para o aumento da demanda por informações, principalmente por parte de movimentos sociais. “Com a descoberta da relação entre o vírus zika e o desenvolvimento de microcefalia em crianças, movimentos feministas foram retomando o debate sobre o aborto, que já existia no Brasil, mas dessa vez focados em mulheres infectadas. O grande motivo disso é que passar por uma gestação nesse contexto acarreta um sofrimento psíquico, e também ocorre a dificuldade de acesso a serviços de saúde especializados. Em minha pesquisa, foquei na questão de como esse debate sobre o aborto relacionado ao vírus apareceu nos principais veículos de comunicação.”

Os resultados obtidos no estudo passaram por análise baseada em algumas categorias, definidas pelo tipo de abordagem. “Foquei nos discursos sobre microcefalia, o medo do zika, o controle da contracepção das mulheres - que foi algo muito disseminado na época - e em como movimentos sociais, grupos religiosos e autoridades governamentais se posicionaram no debate sobre aborto nesses casos.” A especialista chegou à conclusão de que “os veículos priorizaram as vozes de especialistas e pesquisadores, mas as mulheres, as principais interessadas na questão, quase não apareceram nas notícias. Os jornais focavam muito na questão polêmica do aborto e não forneciam informações necessárias para o verdadeiro público-alvo, contribuindo para um cenário em que já existia sofrimento por conta de diagnósticos tardios das síndromes provocadas pela doença. O contexto de incertezas e as consequências na saúde mental das gestantes, como o desenvolvimento de quadros de ansiedade e dificuldades posteriores no cuidado materno, não eram considerados”.

Em suma, a fala das mães que fizeram a opção pela interrupção da gravidez, ou que estavam

grávidas e infectadas, além das que têm filhos portadores de microcefalia ou da síndrome congênita do zika, não foi priorizada pelos veículos midiáticos. Hoje, o debate sobre a legalidade do aborto nesses casos aumentou em toda a América Latina, dentro e fora da comunidade científica, ainda mais com a notificação da situação de emergência pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Especificamente no Brasil, a ilegalidade do aborto está sendo discutida pelo Supremo Tribunal Federal (STF), em Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) de número 5.581, proposta pela Associação Nacional de Defensores Públicos. “Essa ADI envolve alguns pontos como o acesso ao diagnóstico da doença, ao benefício de prestação continuada, ao tratamento para as crianças com a síndrome congênita do zika e também a discussão sobre o direito à interrupção da gestação para as mulheres infectadas e que estejam passando por esse sofrimento psíquico”, conta a pesquisadora. Essa proposta está correndo no STF e seu julgamento foi adiado.

*Por Laura Alegre*

---

## **No Reino Unido, mídia mudará forma de divulgar casos de violência doméstica**

A organização feminista Level Up teve sucesso com sua campanha para que a mídia mude a forma de tratar notícias sobre violência doméstica no Reino Unido.

**(Universa, 16/04/2019 - acesse no site de origem)**

De acordo com o “The Independent”, dois órgãos reguladores do Estado, a IPSO e a IMPRESS, deverão adotar novas diretrizes para combater reportagens irresponsáveis que, segundo as ativistas, aumentam o trauma às famílias das vítimas de homicídios em consequência da violência.

As diretrizes, estabelecidas em parceria com a Level Up, instruem os jornalistas sobre como denunciar abusos domésticos da maneira mais segura e sensível possível. Eles foram escritos por uma coalizão de acadêmicos, famílias de sobreviventes e representantes de instituições de caridade contra a violência doméstica.

Foram estabelecidos cinco tópicos de guia, todos enfatizando a necessidade de um jornalismo sensível que não seja nem sensacionalista nem especulativo, preservando a dignidade da vítima.

1. Responsabilidade: Colocar a responsabilidade exclusivamente no assassino, o que significa evitar “razões” ou “gatilhos” especulativos, ou descrever o assassinato como um evento não característico. Homicídios geralmente são sustentados por um senso de propriedade duradouro, controle coercitivo e comportamentos possessivos: não são eventos aleatórios;
2. Precisão: Nomear o crime como violência doméstica, em vez de “tragédia” ou “horror”;
3. Dignidade: Evite linguagem sensacionalista, detalhes invasivos ou gráficos que

- comprometam a dignidade da mulher morta ou de seus familiares sobreviventes;
4. Igualdade: Evite linguagem ou imagens insensíveis ou triviais;
  5. Imagens: Evite usar imagens que reforcem o mito de que é apenas um crime físico.

“É um grande passo para uma maior conscientização do público sobre os fatores de risco do homicídio doméstico. Os agressores buscam menosprezar e controlar seus parceiros, e o homicídio doméstico é a expressão máxima desse controle. Para a família e os amigos que perderam um ente querido, isso insulta o prejuízo da perda que sentem, além de minimizar a tentativa mortal desses assassinatos para o público em geral”, comunicou Donna Covey, diretora executiva da instituição Against Violence & Abuse.

---

## [Conheça novo site da Agência Patrícia Galvão](#)



A [Agência Patrícia Galvão](#) inaugurou seu novo site nesta semana. A plataforma foi reformulada para tornar a navegação mais dinâmica e incluir novas editorias, contemplando diferentes tipos de violência contra as mulheres: violência doméstica e familiar, violência sexual, feminicídio, violência de gênero na internet, racismo e LGBTTFobia.

Na Agência Patrícia Galvão é possível acompanhar o debate público sobre a violência contra as mulheres por meio da seleção de notícias de diversos veículos, fruto do monitoramento e curadoria realizados pelo Instituto Patrícia Galvão.

O site traz também sugestões de pautas estratégicas e conteúdos especiais produzidos pela equipe da Agência, além de informações sobre ações e projetos do Instituto Patrícia Galvão, como os [Dossiês especiais](#) sobre [violências](#) de gênero e [feminicídio](#). O portal reúne assim informações atualizadas e qualificadas sobre os direitos das mulheres no Brasil, com foco privilegiado sobre as violações desses direitos e a demanda por sua garantia e efetivação.

Para receber esses conteúdos e novidades por e-mail, cadastre-se em nosso boletim semanal [clikando aqui](#).

## **Sobre a Agência Patrícia Galvão**

Criada em 2009 pelo Instituto Patrícia Galvão, a Agência Patrícia Galvão produz e divulga notícias, dados e conteúdos multimídia sobre os direitos das mulheres brasileiras.

Ao acessar o Portal da Agência, profissionais da imprensa e interessados em geral encontrarão um conteúdo multimídia diversificado, preciso, confiável e atualizado na forma de sugestões de pauta, notícias selecionadas de veículos diversos, indicação de fontes qualificadas, dados, pesquisas, indicadores e artigos de opinião.

Fundado em 2001, o Instituto Patrícia Galvão - Mídia e Direitos é uma organização social sem fins lucrativos que atua nos campos dos direitos das mulheres e da comunicação. Sua missão é contribuir para a qualificação do debate público sobre questões críticas para as mulheres no Brasil, a partir da produções de conteúdos, dossiês, sugestões de pautas e notícias junto à imprensa e mobilização de mídias sociais, além de realização de pesquisas de opinião, eventos e campanhas para fomentar a reflexão social e demandar respostas do Estado e/ou mudanças na sociedade e na mídia.

---

## **[Projetos estabelecem critérios para a classificação da propaganda abusiva](#)**

A senadora Vanessa Grazziotin (PCdoB-AM) apresentou um projeto de lei ([PLS 461/2017](#)) para considerar abusiva a propaganda que veicule visão ofensiva de gênero. O texto também condena a publicidade que ofenda a dignidade humana ou ofereça sugestão de comportamento para as escolhas do consumidor. A proposta está em análise na Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa (CDH) e aguarda a designação de um relator.

**[\(Senado Notícias, 01/02/2018 - acesse no site de origem\)](#)**

O projeto estabelece critérios para a classificação da propaganda abusiva. Entre eles: a publicidade que incite à violência; explore o medo ou a superstição; aproveite-se da deficiência de julgamento da criança; desrespeite valores ambientais; e ofenda a dignidade humana. Além disso, é considerada abusiva a propaganda que ofereça sugestões de comportamento que procurem incidir sobre as escolhas e a autoimagem da pessoa; e veicule valores com visões desiguais e ofensivas de gênero.

De acordo com Vanessa Grazziotin, a sociedade brasileira tem feito “notável esforço para identificar e erradicar os preconceitos”. Ela destaca, no entanto, que algumas “crenças falsas e arraigadas” ainda estimulam a desigualdade de gênero.

“Estamos a embelezar, com as tecnologias imagéticas, sonoras e literárias, crenças arcaicas, falsas, injustas e violentas a respeito das mulheres e da diversidade sexual e cultural. A maior parte das sociedades desenvolvidas já se apercebeu disso e legislou de modo a conter o uso do passado como forma de impedir o advento do futuro”, argumenta a senadora.

Ela cita como exemplo a legislação de países como Dinamarca, França, Alemanha, Noruega e Inglaterra, que tomaram a decisão de “regular o uso de estereótipos de gênero para convencer as pessoas a consumir”. De acordo com Vanessa Grazziotin, “a sociedade brasileira já está suficientemente amadurecida para ter ambições maiores do que a simples reprodução do subdesenvolvimento”.

## **Discriminação**

Um outro projeto da senadora, que chefia a Procuradoria da Mulher do Senado, classifica como abusiva toda publicidade que incite a discriminação baseada em gênero, e proíbe o reforço de estereótipos de gênero na exposição de produtos ou serviços para crianças e adolescentes.

O [PLS 332/2015](#) altera o Código de Defesa do Consumidor para incluir entre os direitos básicos do consumidor a “proteção contra a publicidade enganosa e abusiva, incluindo a que reforça a discriminação baseada em gênero”. O texto prevê ainda o papel do Estado de coibir e reprimir esse tipo de discriminação nas relações de consumo.

Vanessa afirma na justificativa da proposta que “a discriminação baseada nos papéis sociais estereotipados de homens e mulheres se manifesta na violência doméstica, na injusta divisão de tarefas dentro do lar, na desqualificação do trabalho da mulher, entre outros”. Segundo a senadora, o objetivo do projeto é também quebrar os estereótipos que reforçam um papel de submissão da mulher.

— Um dos grandes problemas que nós temos que enfrentar em relação a discriminação de gênero é a cultura. Os brinquedos para as meninas são vinculados ao cuidado [da casa e da família], são bonecas, vassouras e panelas, enquanto dos meninos são voltados para [atividades de] direção e comando - disse a senadora em entrevista à Rádio Senado.

A proposta foi aprovada na CDH e aguarda a votação na Comissão de Transparência, Governança, Fiscalização e Controle e Defesa do Consumidor. A relatora na comissão, senadora Regina Sousa (PT-PI), apresentou voto pela aprovação do projeto.

---

## **[Jacira Melo, diretora do Instituto Patrícia Galvão, comenta temas violentos em músicas no programa Hora E+](#)**

O Hora E+ fala sobre músicas que possuem temas violentos com Jacira Melo, diretora executiva do Instituto Patrícia Galvão, que tem diversas iniciativas pelos direitos das mulheres.

[\(Emais, 23/01/2018 - acesse no site de origem\)](#)

---

# Internautas acusam pai de assediar a própria filha no 'BBB'

*Selinho e carícias consideradas 'íntimas' demais estão sendo criticadas nas redes sociais*

**(Emais, 23/01/2018 - acesse no site de origem)**

Apesar de a 18ª edição do *Big Brother Brasil* ter tido apenas seu primeiro dia de pay-per-view, alguns momentos envolvendo a família Lima, os primeiros participantes da casa, vêm dando o que falar nas redes sociais - [além das postagens preconceituosas que vieram à tona](#).

No Twitter, um dos assuntos mais comentados do dia foi a hashtag #ForaFamíliaLima, criada por fãs que viram alguns 'excessos' na relação entre Ayrton e Ana Clara, pai e filha.

Em um momento na primeira festa do programa, Ayrton deu um selinho na filha, o que causou estranheza nos fãs. Em outro, ele deita sobre a filha quando ela está na cama, e faz movimentos considerados estranhos. Por fim, durante uma brincadeira na piscina, ele beija sua barriga e coloca a mão na região da genitália de Ana Clara.

Em todos os momentos em que os contatos físicos ocorreram, estavam acompanhados por outros membros da família, como o primo Jorge e a mãe Eva.

Os momentos estão causando furor nas redes sociais, e alguns fãs já falam até mesmo em expulsão.

Não é a primeira vez que os espectadores clamam pela expulsão de participantes. Em 2017, Marcos Harter [foi expulso após ser acusado de agredir sua então namorada na casa](#), Emilly Araújo. No mesmo ano, fãs de *A Fazenda* [pediram sua expulsão no reality da Record TV](#) por suposta violência psicológica sobre Flávia Viana.

Confira abaixo os momentos citados. A seguir, veja também algumas das reações dos internautas.

Gente que isso????? Nunca vi pai e filha se beijarem assim :s [#bbb18](#)  
[pic.twitter.com/QnywLZ7Pnb](https://pic.twitter.com/QnywLZ7Pnb)

— fabs (@eumesmafabii) [23 de janeiro de 2018](#)

gente isso é Pai e Filha? Por que eu tô enxergando outra coisa [#BBB18](#)  
<https://t.co/O9tLzY3060>

— natan ☐ (@empoderax) [23 de janeiro de 2018](#)

Gente olha isso! Mds, ele beija a barriga dela e depois passa a mão na PPK, DA FILHA!! EU TÔ MUITO HORRORIZADO [#BBB18](#)

[pic.twitter.com/b8RL6BL0x9](http://pic.twitter.com/b8RL6BL0x9)

— Realitys (@TimeRealitys) [23 de janeiro de 2018](#)

o pai beijando a filha, sarrando, beijando a barriga e colocando a mão na parte íntima dela , o sobrinho também e mãe parece que se faz de tapada, isso aí que vocês chamam de representar a família brasileira ? [#BBB18](#) [#forafamilialima](#)

— Jennifer (@milaacabello) [23 de janeiro de 2018](#)

DESCULPA MAS NÃO, EU NÃO CONSIGO ACHAR NORMAL:

Um pai beijar mais a filha do que a esposa  
Encoxar a filha o tempo todo  
Beijar a barriga dela  
Deitar em cima e fazer movimentos estranhos

É UM MUNDO FORA DA MINHA REALIDADE, TÔ ACHANDO MUITO ABSURDO  
[#ForaFamiliaLima](#) [#BBB18](#) [pic.twitter.com/FCS1QGX1cC](http://pic.twitter.com/FCS1QGX1cC)

— mis ☐ (@MisComenta) [23 de janeiro de 2018](#)

o pai beijar mais a filha do que a esposa, encoxar a filha o tempo todo, beijar a barriga dela, deitar em cima e fazer movimentos estranhos, sobrinho sonso e mãe planta

essa edição não podia ter começado pior  
[#ForaFamiliaLima](#)

— rafael (@rafaelkjl) [23 de janeiro de 2018](#)

se pra vcs esse tipo de selinho é normal entre pai e filha EU TÔ MUITO ERRADA DA CABEÇA VIU [#BBB18](#) [pic.twitter.com/Ue4AzclWmX](http://pic.twitter.com/Ue4AzclWmX)

— theinsecurity (@fakerIIh) [23 de janeiro de 2018](#)

horrorizado com beijo entre pai e filha. [#bbb18 pic.twitter.com/arQ7kMUNBo](#)

— Gui (@Aguinaldinho) [23 de janeiro de 2018](#)

o pai beija beija a filha  
o pai sarra a filha  
o pai passa amão nas partes intimas da filha  
o pai da em cima da própria filha  
essa família não representa nenhuma família brasileira, isso é incesto  
[#ForaFamiliaLima #BBB18 pic.twitter.com/8vtNNWpuFc](#)

— Samanttha (@iSamanttha) [23 de janeiro de 2018](#)

Olha a mão do pai na xota da Filha dentro da piscina.  
Ai caralho, chega dessa porra Boninho.

— K E L L Y ☐ (@KellyCRF\_) [23 de janeiro de 2018](#)

---

## [4 propagandas acusadas de sexismo. E a lei do RJ que proíbe a prática](#)

*Estado proíbe campanhas ofensivas; multa para quem infringir a regra pode superar R\$ 1 milhão*

**[\(Nexo, 13/01/2018 - acesse no site de origem\)](#)**

O Estado do Rio de Janeiro tem agora uma lei que proíbe a veiculação de propaganda “misógina, sexista ou estimuladora de agressão e violência sexual”. A lei, válida para empresas com sede no estado, foi sancionada pelo governador Luiz Fernando Pezão nesta quarta-feira (10).

A multa para quem infringir a regra será determinada de acordo com o tipo de veículo em que a propaganda for veiculada (rádio, TV, impresso ou redes sociais). Os valores se acumulam se a peça for propagada em mais de um meio. A multa mais alta é para as redes sociais, de R\$ 640 mil. Para empresas reincidentes, o valor é dobrado, podendo superar R\$ 1,2 milhão.

*“A mulher passou a ser vista como um produto a ser consumido. Assim, através dela, as propagandas fazem alusões ao erotismo em busca do consumo pelo desejo”*



Enfermeira Rejane Deputada estadual (PC do B - RJ)

A lei determina que denúncias sobre propagandas sexistas sejam encaminhadas à secretaria estadual de Direitos Humanos e Políticas para Mulheres e Idosos. A pasta irá criar uma comissão para apurar as acusações. Ela será formada por 13 pessoas, entre elas representantes da Defensoria Pública do Estado, do Conar (Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária), do Conselho Estadual dos Direitos da Mulher e do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos Humanos.

Os critérios para definir se uma propaganda infringe ou não a lei ainda não foram definidos. Determinar o que é sexista ou não deve ser um dos desafios para a aplicação da lei, já que nem sempre há uma única leitura sobre o significado de determinados conteúdos publicitários. Isso aconteceu, por exemplo, em 2016, com uma campanha do Boticário.

Na justificativa do projeto de lei, a autora, deputada estadual Enfermeira Rejane (PC do B-RJ), afirma que a iniciativa “não outorga ao governo qualquer poder de censura”.

O projeto de lei foi assinado por outros 39 parlamentares. A deputada afirmou, segundo a Alerj, que a lei é necessária para criar ferramentas de combate ao machismo. “É muito comum vermos na mídia empresas utilizando o corpo da mulher para vender seus produtos. Usam de forma sexista, menosprezando a mulher. Esse projeto visa combater essa prática apurando e educando.”

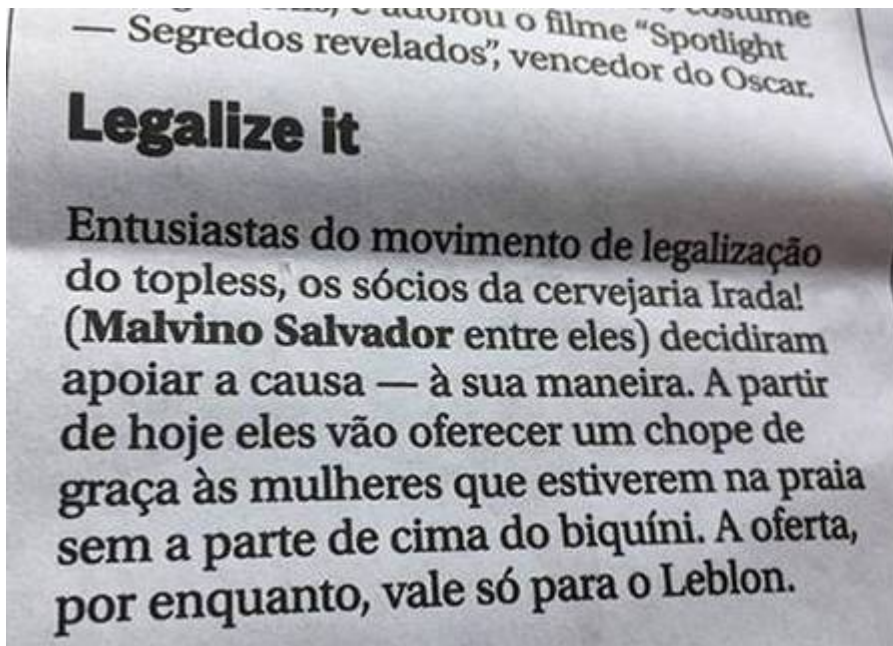
## **Publicidade sexista**

As críticas e o debate sobre o sexismo na indústria publicitária, responsável por R\$ 358 bilhões do PIB brasileiro, vem ganhando corpo nos últimos anos. O Brasil ocupa, hoje, o 6º lugar em investimento publicitário no mundo. Há denúncias sobre sexismo não apenas na criação das campanhas como também no próprio mercado publicitário, onde haveria baixa representatividade feminina e perpetuação de atitudes machistas no ambiente profissional. Nesse contexto, diversas campanhas foram denunciadas por ter cunho sexista, embora não haja consenso sobre algumas. Veja abaixo:

### **1.Cervejarias**

As cervejarias foram apontadas diversas vezes como um setor que promovia campanhas publicitárias sexistas. Em 2015, a Ambev retirou do ar uma campanha da Skol que trazia frases como “esqueci o não em casa”. As peças foram suspensas após usuários de redes sociais reclamarem que o conteúdo era [sexista e poderia ser visto como um incentivo ao estupro](#).

No Dia Internacional da Mulher de 2017, a Ambev, dona da Skol, assumiu que havia errado no passado e chamou ilustradoras para refazer algumas campanhas do passado. “Já faz alguns anos que algumas imagens do passado não nos representam mais”, afirmou a empresa em um post publicado no Facebook.



Post com pedido de desculpas da cervejaria Irada! (Foto: Reprodução/Facebook)

Outras cervejarias têm [alterado o tom de sua comunicação](#), em resposta à mudança de recepção do público. Mas isso não significa que o problema tenha acabado. Em fevereiro de 2017, a cervejaria Irada! fez uma campanha que prometia chope grátis a mulheres que fizessem topless na praia. Nas redes sociais, a empresa foi acusada de propagar ["machismo oportunista disfarçado de pauta feminista libertária"](#) e teve que pedir desculpas. A cervejaria se desculpou.

## 2.Ministério da Justiça



Campanha do Ministério da Justiça foi acusada de culpar a vítima (Foto: Reprodução/Facebook)

Em 2015, o Ministério da Justiça também teve que suspender uma propaganda acusada de sexismo e misoginia por usuários de redes sociais. A campanha “Bebeu, Perdeu” pretendia conscientizar jovens sobre os perigos do consumo excessivo de bebidas alcoólicas.

Um cartaz da campanha divulgado nas redes sociais dizia “Bebeu demais e esqueceu o que fez? Seus amigos vão te lembrar por muito tempo.” O cartaz era ilustrado com a imagem de uma garota, com um celular nas mãos. Ao fundo, duas jovens riem, também segurando um aparelho. Diversas pessoas afirmaram que a campanha culpava as vítimas pelo seu sofrimento, ao associar o vazamento de vídeos íntimos e o abuso sexual ao comportamento dela.

### 3. Boticário

Uma campanha do Boticário, veiculada em 2016, [dividiu opiniões](#) entre o público. A propaganda mostrava mulheres reais e recém-separadas, que falavam sobre os motivos do término. Depois, elas apareciam maquiadas para assinar o divórcio, e a câmera focava na expressão dos homens ao vê-las arrumadas.



Campanha do Boticário dividiu opiniões (Foto: Reprodução/Facebook)

Diversas pessoas denunciaram a peça ao Conar, alegando que o comercial reforçava estereótipos de gênero, sugerindo que a beleza física era o único fator importante na manutenção do casamento. Para outras pessoas, porém, a peça apenas mostrava a importância da auto-estima e da segurança em momentos delicados da vida de uma mulher. O Boticário disse que a intenção da campanha era mostrar que as pessoas se sentem mais seguras quando estão bonitas.

#### **4. Corpo de praia**



Ativistas alteraram imagem de campanha para dizer: “cada corpo está pronto” (Foto: Reprodução/Facebook)

Em 2015, um anúncio de um suplemento alimentar para emagrecimento veiculada no metrô de Londres [gerou protestos na cidade](#). A propaganda pergunta se as mulheres “já estavam com o corpo pronto para a praia”, e mostrava uma modelo magra de biquíni. A peça foi interpretada como promoção de um corpo inatingível, em uma sociedade que já exige que as mulheres sejam magras demais.

Diversas pessoas reagiram escrevendo, nos cartazes, que todos os corpos estavam prontos para ir à praia. Após receber reclamações de que a campanha objetificava mulheres, o órgão responsável pela regulação da propaganda no país [decidiu proibir sua veiculação](#). A Protein World, responsável pelo produto, não se desculpou publicamente.

---

## [Globo de Ouro: O que você precisa saber sobre os protestos da premiação](#)

A edição de 2018 do Globo de Ouro, que acontece neste domingo, 7, trará o maior protesto feito até agora contra os assédios e abusos sexuais praticados em Hollywood — que foram massivamente denunciados e expostos no último ano, roubando o spotlight de qualquer filme que concorra ao prêmio.

[\(UOL, 07/01/2017 - acesse no site de origem\)](#)

Por trás da [iniciativa das mulheres que vestirão preto na data](#), no entanto, há uma ação muito maior, a “Time’s Up”. Entenda:

### **O que é?**

A “[Time’s Up Now](#)” ou #TimesUp é uma campanha para estimular práticas que combatam e previnam o assédio e o abuso sexual dentro e fora da indústria do cinema.

### **Leia mais:**

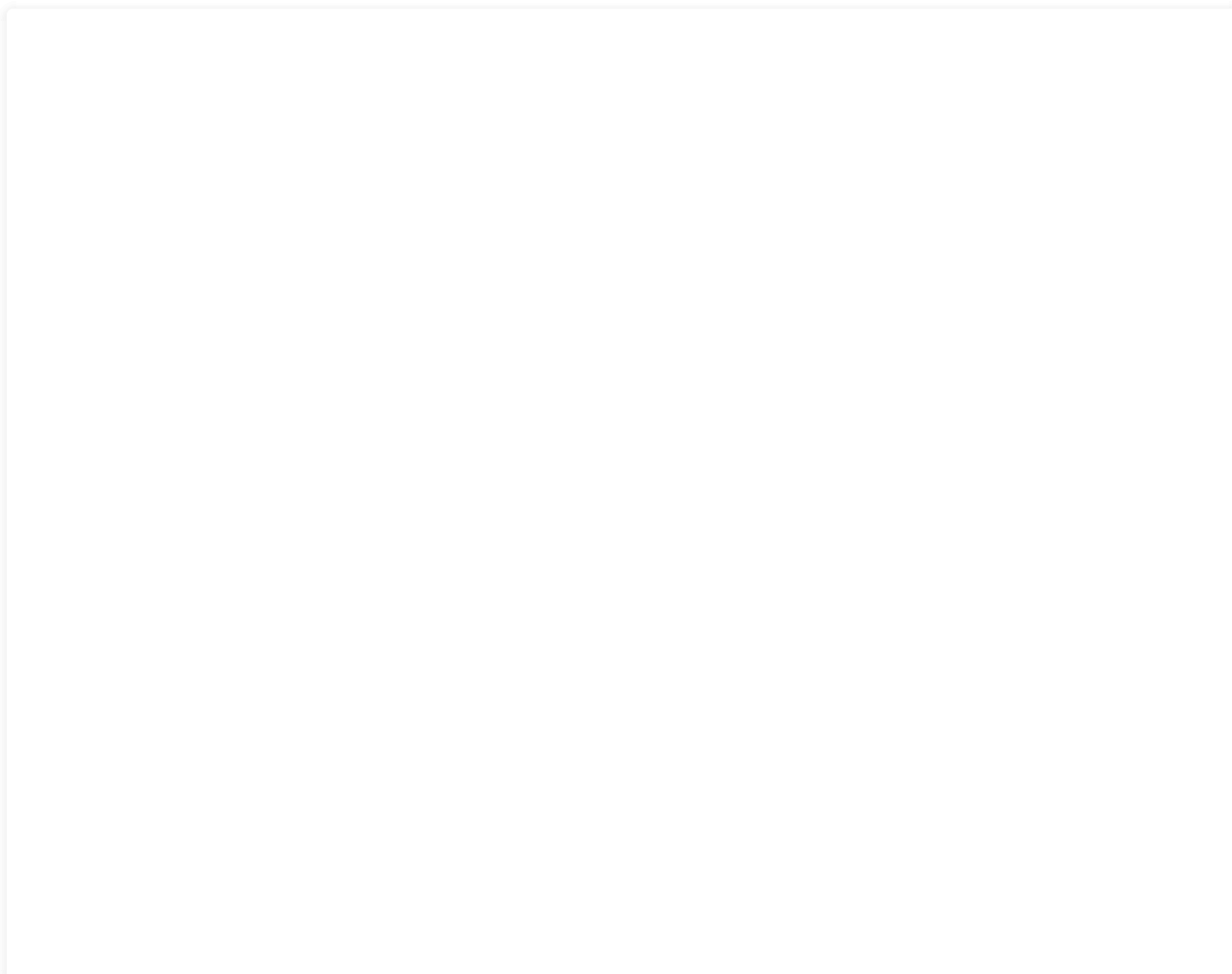
[Globo de Ouro 2018: ‘Big Little Lies’ e ‘Três anúncios para um crime’ são os maiores ganhadores \(G1, 08/01/2018\)](#)

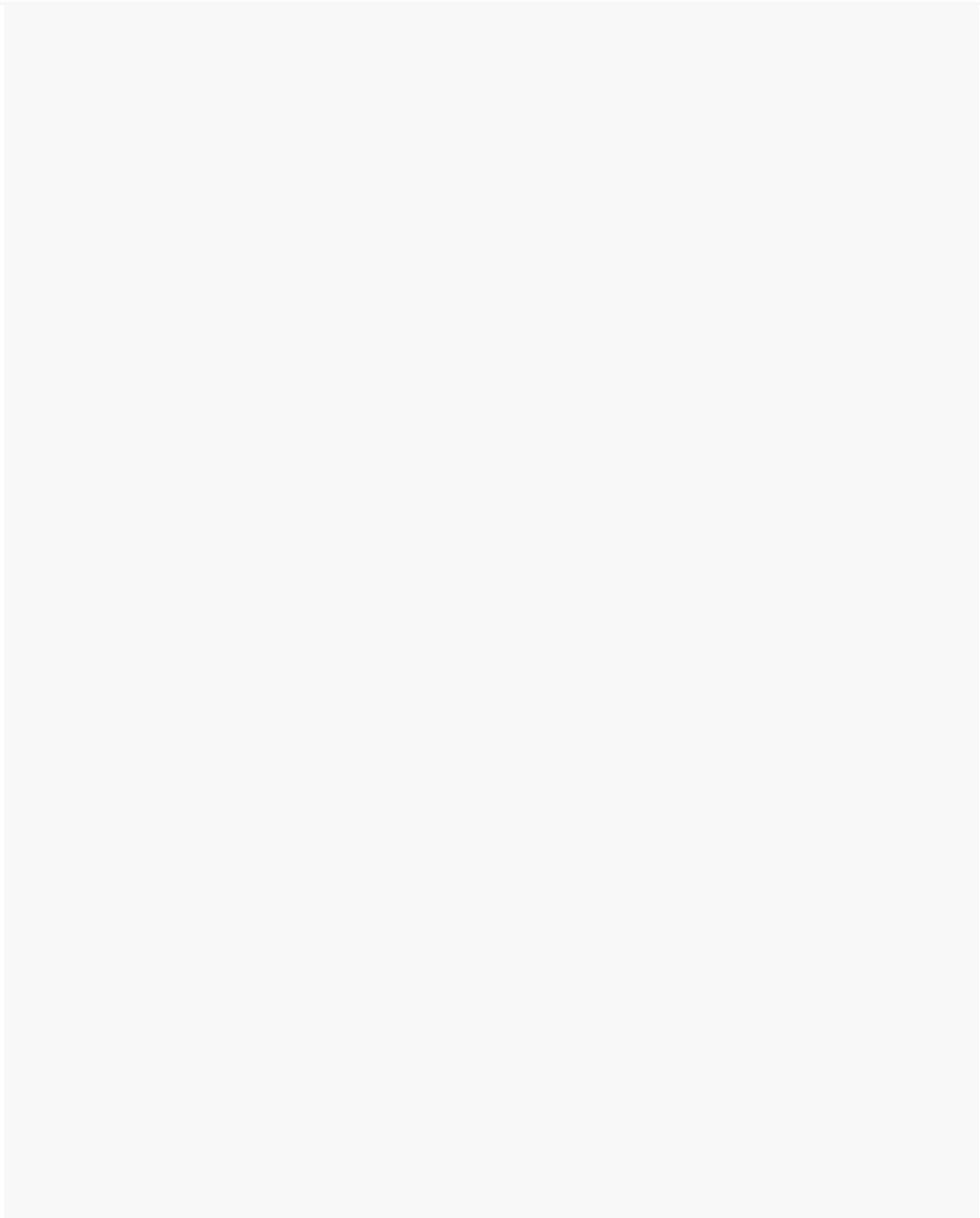
[Globo de Ouro 2018: Oprah Winfrey ganha homenagem e faz discurso sobre força das mulheres, assédio sexual e racismo \(G1, 08/01/2017\)](#)

### **Quais são as suas atividades?**

É possível que todas as atividades relacionadas à campanha não tenham sido ainda divulgadas ou concebidas.

Mas, ao lançar a iniciativa através de seu site, as criadoras propuseram [um material educacional](#) sobre como lidar com um sobrevivente de violência sexual [ou como procurar ajuda legal e emocional se você é um](#), ofereceram informações sobre órgãos que já atendem homens e mulheres nestas situações de fragilidade, além de lançar um compromisso público de propor legislação que combate a prática e atenda quem sofreu com ela.





It's time to shift the balance in the workplace, from representing the few to representing us all.  
#TIMESUP

Uma publicação compartilhada por [#TIMESUP \(@timesupnow\)](#) em 1 de Jan, 2018 às 7:46 PST

Suas duas ações de impacto mais direto, no entanto, são o protesto que trará as mulheres de preto ([e os homens com o pin do movimento](#)) à premiação, além da promoção de um Fundo de Defesa Legal para sobreviventes de violência sexual, com que grandes players do cinema, além

do público pode contribuir com doações.

O dinheiro será revertido para quem quer buscar justiça contra os seus agressores, mas não tem meios financeiros para tal.

### **Quem a faz?**

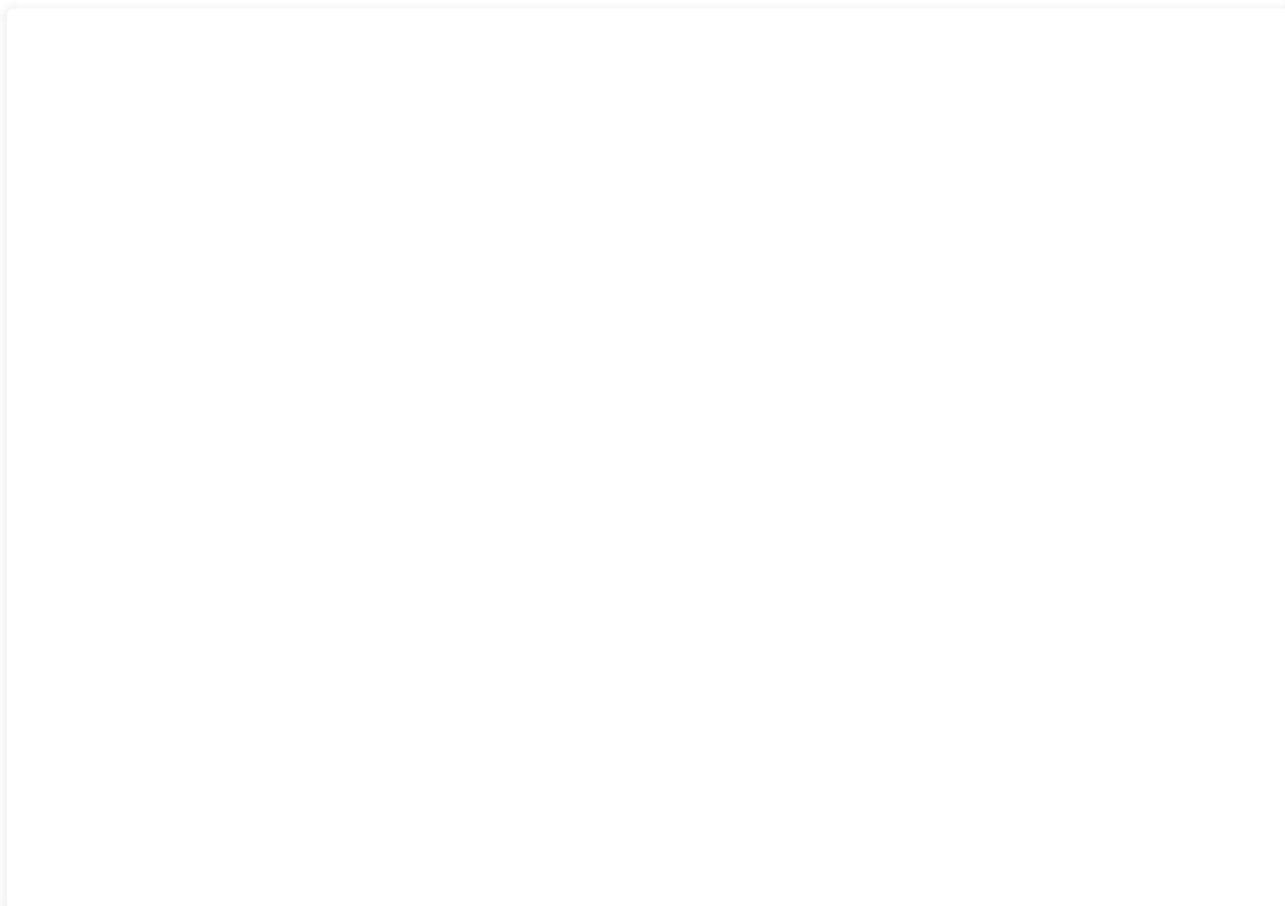
Um grupo de 300 mulheres da indústria da tevê e do cinema, entre elas Reese Witherspoon, America Ferrera, Eva Longoria, Ashley Judd, Emma Stone, Rashida Jones, Kerry Washington e Shonda Rhimes, se reuniu para discutir as medidas que poderiam ser tomadas contra os assédios e conta hoje com o apoio de executivos, agências de talentos e produtoras como a “Bad Robot” de J.J. Abrams, nas ações.

O Fundo de Defesa Legal da “Time’s Up” é liderado pelas advogadas Nina Shaw e Tina Tchen, que era até 2016 a chefe de gabinete de Michelle Obama.

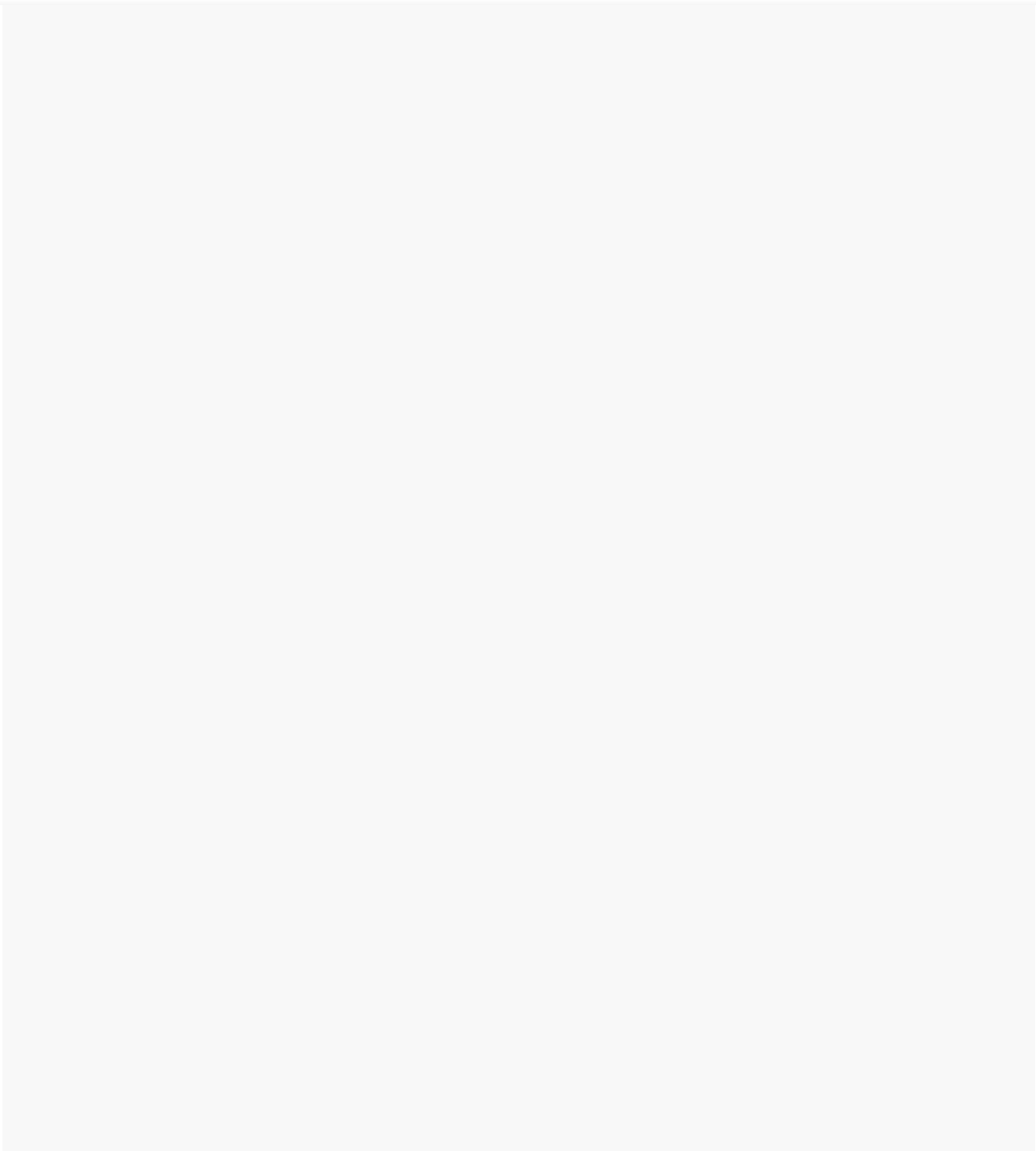
### **Como ela surgiu?**

Depois que um grupo de 700 mil trabalhadoras rurais enviou uma carta de solidariedade às mulheres de Hollywood em novembro, dizendo que elas são “irmãs”, que em ambas as indústrias mulheres experimentam os mesmos tipos de abuso e que elas estão juntas na luta contra a violência sexual e a cultura do estupro, as mulheres do show business decidiram se organizar para buscar mudanças no cenário para todas.

A carta foi extensivamente publicada nas redes sociais pelas atrizes, entre elas, Natalie Portman, que criou conta no Instagram exclusivamente para se unir e acompanhar o movimento:







#timesup Link in bio.

Uma publicação compartilhada por [Natalie Portman \(@nportmanofficial\)](#) em 1 de Jan, 2018 às 12:34 PST

### **O que ela muda na indústria?**

Entre as diretrizes da “Time’s Up” está a negociação igualitária de salários para homens e mulheres, a exigência de maior representatividade nas posições de poder de projetos na indústria, apoio (inclusive legal) aos sobreviventes que relatarem violência, levantamento de dados sobre o cenário de representatividade e exigência da paridade de gênero em estúdios e agências — o que pode mudar como Hollywood é gerida enquanto negócio.

É possível (e espera-se) que, nas telas, acompanhemos nos próximos anos mais projetos femininos ganhando destaque como resultado direto da organização do movimento, que envolve muitas figuras importantes do cinema e da tevê seja na frente ou atrás das câmeras.

Mariana Araújo

---

## Estupro, relacionamento abusivo e questão trans: Como a TV nos fez pensar em 2017

*Do reality à ficção, a televisão abordou temas complexos e gerou debate.*

**(HuffPost Brasil, 28/12/2017 - acesse no site de origem)**

20 de outubro de 2017. 21h16. Milhões de televisores ligados. Gente dispensou o bar, saiu correndo do trabalho, pegou rota alternativa pelo Waze, jantou mais cedo. Sintonizou a TV um pouco antes do horário marcado, viu os créditos finais do Jornal Nacional e sentiu o coração palpitar de ansiedade, repassou mentalmente suas últimas apostas, era agora: ia ao ar, pela última vez, um capítulo da novela *A Força do Querer*.

Seu último capítulo marcou 50 pontos de audiência no Ibope na Grande São Paulo. Cada ponto no Ibope equivale a 688 mil telespectadores.

Em 2017, o brasileiro voltou a acreditar nas telenovelas. *A Força do Querer* recuperou a audiência do horário nobre e sua sucessora, *O Outro Lado do Paraíso*, vem batendo recordes positivos. Nos últimos anos, todas as produções da faixa das 21h sofreram rejeição e marcaram médias de 35 pontos de audiência.

Mais do que assistir às tramas, discutimos à exaustão seus temas. Sentados à mesa de casa, discutimos se Bibi deveria ou não perdoar o Rubinho. No trabalho, entramos em conflitos com colegas ao falarmos sobre a transição da Ivana para o Ivan, exaltamos a independência da Jeiza enquanto alguns preferiam que ela fosse domada por Zeca.

Quando a novela acabou, ficamos desolados. A melhor produção desde a icônica *Avenida Brasil*, que explorou temas e personagens fortes, registrou a primeira transição de gênero televisionada. Pensamos que não seria possível superá-la. Mas Walcyr Carrasco expôs com responsabilidade um relacionamento abusivo em pleno horário nobre. Vimos, com clareza, que pode haver estupro em um casamento e assistimos à importância da [Lei Maria da Penha](#).

Em 2017, a TV nos provou que é muito mais do que o simples entretenimento e que pode, sim, gerar debates tão profundos quanto outras produções audiovisuais.

**Primeiro, o reality**



Muito antes de conhecermos a Ivana ou a Clara e o Gael, a televisão aberta enfrentou sua primeira polêmica. Era abril, e a casa do Big Brother Brasil tinha pouquíssimos participantes. Metade dos espectadores odiava a Emilly. Outra metade a venerava. O todo, no entanto, ficou estarrecido com as situações de violência vividas por ela.

A participante Emilly Araújo, de 20 anos, teve um relacionamento com o médico Marcos Harter, de 37. Durante o programa, Marcos praticou violência psicológica contra a companheira. [Até que chegou ao embate físico: puxões, empurrões e beliscões. Foi expulso do programa em 10 de abril.](#)

Aqui, não houve roteiro para nos fazer pensar. Foi a realidade de milhares de mulheres, no Brasil e fora dele, se revelando nacionalmente.

Mas, infelizmente, aprendemos uma lição a partir da tristeza. Houve a presença de uma delegada da Divisão de Polícia de Atendimento à Mulher do Rio, abertura de inquérito pela Polícia Civil, realização de exame médico e avaliação psicológica e muito cuidado com a vítima. Houve, também, uma hashtag e centenas de histórias compartilhadas.

A partir da hashtag [#EuViviUmRelacionamentoAbusivo](#), as mulheres derramaram na internet seus corações e suas angústias, compartilharam momentos delicados e tristes de suas vidas e, nesse exorcismo coletivo de fantasmas interiores, ajudaram a promover um debate imprescindível.

O Brasil descobriu, tristemente, todos os estágios da violência psicológica e quão devastadora ela pode ser em um relacionamento. “O reality show tem grande abrangência, entra todos os dias nas casas das pessoas. Então quando aborda temas como esse, eles não ficam mais restritos à fala de um grupo ou a uma rede social, e não são apenas as pessoas interessadas que o discutem. Ele passa a circular nacionalmente entre pessoas que não pararam para pensar ou que não tinham interesse anteriormente”, explica Daniela Afonso Ortega, pesquisadora do Centro de Estudos em Telenovelas, da USP (Universidade de São Paulo).

A pesquisadora ressalta ao HuffPost Brasil o poder de identificação que a TV aberta ainda possui sobre grande parte da população brasileira. “Muita gente que não enxerga uma relação

abusiva, ou que está em uma e não sabe como pedir ajuda, a partir do momento que enxerga no outro, vê um reflexo de si mesmo e passa a questionar sua própria condição.”

## Depois, o furacão



Muito antes da trans, houve a inter. [Buba, interpretada por Maria Luísa Mendonça, era uma hermafrodita na novela \*Renascer\* \(1993\)](#). Ela havia nascido com dois órgãos sexuais: masculino e feminino. Foi criada como homem até que teve sua primeira menstruação. E então passou a se identificar como mulher. Na novela, viveu dois relacionamentos, com Zé Venâncio (Taumaturgo Ferreira) e Zé Augusto (Marco Ricca). Sofreu preconceito durante a trama mas reverteu tudo com a doçura que a atriz imprimiu na personagem. Buba foi a primeira intersexual em uma novela.

Agora, em 2017, diferentes manifestações de gênero e sexualidade voltam a ser trabalhadas pela teledramaturgia. A estreada Carol Duarte interpretou lindamente as angústias da Ivana, seu incômodo com seu corpo, a descoberta como transgênero, a transição, a cirurgia de remoção dos seios e o nascimento do Ivan. A rejeição da família, o desencaixe social e, por fim, a aceitação que veio com muito custo e sofrimento.

Assistimos a um pedacinho do que é a vida de transgêneros e transexuais, embora o final não seja tão feliz para a maioria deles no Brasil. [Somos o país que mais mata pessoas trans no mundo](#). Por isso, esse personagem foi tão importante para nós.

“Ecoa na novela algo que é da contemporaneidade. Mas quando a novela, que é esse produto popular, que tem esse alcance gigantesco até hoje, traz esse tema para que ele seja discutido pelos telespectadores, é fantástico”, explica o pesquisador Lucas Martins Neia, também do Centro de Estudos em Telenovelas da USP.

Para muitos, a transição de gênero e de sexo é algo pouco familiar e, muitas vezes, de difícil assimilação. Mesmo diante disso, Ivana e Ivan foram acolhidos e aceitos pelo público. Para o pesquisador, o mérito é da construção da narrativa.

“A autora primeiro apresentou uma personagem mulher que se olhava e se questionava sobre o que via. E soube trabalhar essas questões que perpassam todos os seres humanos, porque estamos falando de autoaceitação, e mostrou esse processo quase que didaticamente. Muito se questiona sobre o didatismo em roteiros para televisão, mas é de suma importância quando se fala com o grande público.”

Além de falar da questão trans, a produção contou com [uma atriz trans](#) interpretando o papel de uma mulher cis.

### **Enfim, o inferno**



Clara (Bianca Bin) e Gael (Sérgio Guizé) eram um casal apaixonado no início de *O Outro Lado do Paraíso*. Depois do casamento, veio o inferno. A novela ousou ao mostrar o estupro marital e, logo, a violência física e doentia contra a mulher.

E os telespectadores se chocaram. Se angustiaram. Alguns não conseguiram assistir à cena completa, outros foram tomados pela raiva. Para Daniela Ortega, da USP, é preciso saber como abordar um estupro na ficção para que o debate certo seja gerado. E *O Outro Lado do Paraíso* conseguiu fazê-lo: “A novela falou de estupro mostrando tudo que tem por trás, de errado e de perigoso. Revelou de uma forma forte como isso pode acontecer. Sem amenizar. Mostrou a face de insatisfação dela, o medo dela nessa relação. Deixou as pessoas desconfortáveis”.

Os pesquisadores defendem que a telenovela brasileira sempre teve uma característica social. “É isso que vai nos diferenciar do modelo mexicano”, esclarece Martins Néia. Mas não, as telenovelas não têm obrigação de defender uma causa social. Assim como qualquer outro produto cultural, podem servir apenas para divertir e tocar seu público. “Mas a novela é

enriquecida quando olha para essas causas. E, assim, gera identificação e ajuda a mudar a sociedade”, defende Ortega.

Para a pesquisadora, é importante que um produto tão popular, de certa forma, eduque as pessoas. “Quando uma sociedade inteira percebe que aquilo [violência doméstica e estupro] é errado, que você não é a causadora, mas sim a vítima, e esse comportamento passa a ser visto por todos como errado, te dá forças pra sair daquela condição.”

Em 2017, assistimos a retrocessos no Brasil e no mundo. Por um lado, [supremacistas brancos estão marchando nos Estados Unidos contra negros, imigrantes, gays e judeus](#). Por outro lado, [deputados homens estão deliberando sobre o corpo das mulheres](#), para restringir aborto até em caso de estupro.

Em *O Outro Lado do Paraíso*, há algumas personagens que encarnam esse retrocesso social. “Vemos pessoas sendo claramente racistas e machistas para mostrar justamente como esse comportamento está equivocado. Os abusos, a trama mais forte da novela, mostra o avanço do movimento feminista. Como as mulheres precisam perder o medo e denunciar a violência que sofreram. E as mulheres dessa história, por mais que tenham passado por essas situações, não foram passivas diante disso”, finaliza Ortega.

---

## [Alice Wegmann: “As mulheres na Globo continuam mobilizadas para lutar contra o assédio”](#)

*Atriz fará espécie de Mulher Maravilha do sertão na série ‘Onde nascem os fortes’, da Globo. Ela sofreu com a imagem na adolescência e diz que feminismo a ajudou a se conhecer*

[\(El País, 24/12/2017 - acesse no site de origem\)](#)

Alice Wegmann passou anos sem usar regata. Na visão distorcida de sua própria aparência, o decote da camiseta expunha o que ela mais odiava. Os ombros e braços ela julgava excessivamente fortes após anos de ginástica olímpica. Chegou a desistir de sair de casa algumas vezes, fez dietas da moda. Não fosse tão comum a narrativa de pena infligida e autoinfligida às mulheres e seus corpos desde jovens, a história não pareceria de forma alguma pertencer à protagonista da série [Onde nascem os fortes](#), prevista para estrear na Globo em abril.

Com os cabelos curtos afetados pela brisa forte do sertão paraibano, a atriz conversou com o EL PAÍS sobre o papel na produção em uma noite de dezembro. Falava do trabalho de uma maneira íntima, como se ele fosse parte de uma jornada sobre seu corpo, a história desse corpo e das mulheres à sua volta. “Minha preparação para o papel veio anos antes, muitos antes. Eu treinava sete horas por dia na ginástica olímpica. Fiz *street dancing*, pulei de asa delta. Sabia que isso ia me servir um dia.”

Em parte, foi precisamente por causa de seu vigor e atuação física que ela acabou escolhida, e de última hora, pelo diretor artístico José Luiz Villamarin para viver Maria na série de 53 capítulos \_algumas cenas chegaram a ser gravadas com outra neoestrela global, Pâmela Tomé. Os cabelos curtos de Wegmann já são uma transformação para encarnar a personagem, espécie de [Mulher Maravilha](#) do sertão, cruzamento de Maria Bonita e Diadorim. Na história, Maria se embrenha pela região natal da mãe, lá perde a pista do irmão e se transforma na luta para encontrá-lo, sem nem mesmo abrir mão de pegar em armas.

“A bandeira do feminismo eu levanto com muito orgulho e tem feito eu me entender cada vez mais, me aceitar e me amar cada vez mais, entender o feminino”, reflete. “Eu tenho uma força dentro de mim. Dentro dessa divisão tradicional do masculino e feminino, eu sempre me via com um lado masculino (por causa dessa força). Agora eu entendo meu feminino como força”, conta ela no hotel-fazenda a 100 de km de Campina Grande onde a maior parte dos atores está concentrada desde o fim de outubro para as filmagens.

Em uma das fortes cenas já gravadas, a personagem de Wegmann é vítima de uma tentativa de estupro e a repetição exaustiva da gravação da tomada também a fez pensar. “Eu só conseguia pensar nas mulheres que eu conheço que já passaram por coisas parecidas. Cada vez que ele puxava meu cabelo, eu pensava: Joana, Isabel, Maria... Pensava nos nomes de todas as mulheres fortes que passaram pela minha vida”.

É então incontornável perguntar como ela viveu a denúncia de assédio feita por uma figurinista contra o ator José Mayer, afastado da Globo em meados do ano, e se ela acompanha as escabrosas histórias contadas [por atrizes que conviveram com o megaprodutor de Hollywood Harvey Weinstein](#). A atriz de 22 anos responde que as mulheres na Globo continuam mobilizadas para lutar contra o assédio e outras formas de machismo após Mayer. “[A campanha #meuprimeiroassédio](#) foi para mim um grande um grande marco”, segue, dizendo nunca ter sofrido situações de assédio no trabalho. Já nas ruas ela diz que não faltam exemplos, e conta o episódio em que ficou aterrorizada com o ataque de um homem que resolveu se masturbar na frente dela e das amigas. “Estou falando do Jardim Botânico. Imagina as mulheres no transporte público, sem ter para onde correr.” “Não é só na ginástica. Não é só na Globo, não é só no meio. Meu irmão trabalha com economia. Eu sei que nesse ramo tem muito assédio. Tem seleção de mulheres pela aparência. A gente é uma janela para que as pessoas vejam e falem sobre isso.”